

Deslumbramento e preservação ante a sacralidade da vida: despertar para a religiosidade holística

Fascination and preservation before the sacredness of life:
waking up to holistic spirituality

Mauro Luiz Ferreira Silva¹

Mestrando em Teologia pela Faculdades EST (São Leopoldo/RS).
Bolsista da CAPES.
mauroposest@yahoo.com.br.

Resumo

O artigo aborda a relevância do deslumbramento ante o mistério da vida, e da atitude preservacionista da natureza, enquanto meio e evidência, respectivamente, de experiência do sagrado. À luz de antigos relatos diluvianos globais, como a epopeia mesopotâmica de Gilgamesh, o mito grego de Poseidon e Deucalião, e o relato bíblico de Noé, descritores de alguma vasta inundação na qual pequeno grupo de humanos e numerosas espécies animais são mantidos vivos, veem-se como elementos comuns a iniciativa divina da preservação e certa espécie de pacto sagrado com a natureza. Em ambas as eras, a pré-histórica, quando humanos até mesmo teriam acolhido animais numa grande barca, e a contemporânea, quando diversas ações individuais e políticas organizacionais “verdes” se desdobram em nível mundial, as atitudes de preservação parecem revelar a vivacidade de mentes capazes de deslumbramento ante o mistério e sacralidade da vida, e uma conseqüente autorresponsabilização pela continuidade desta. Sob tal viés, o da vida como sacramento, desponta a religiosidade plena. Com base em pesquisa bibliográfica, esta comunicação pretende, portanto, contribuir para o debate sobre a espiritualidade holística, essa que, ante a criação, deslumbra-se e responsabiliza-se.

Palavras-chave

Natureza. Dilúvio. Preservação. Sacramento. Religiosidade Holística.

Abstract

The article discusses the relevance of the fascination before the mystery of life and the preservationist attitude toward nature, as the means and evidence, respectively, of experiencing the sacred. In light of ancient global flood stories, such as the Mesopotamian epic of Gilgamesh, the Greek myth of Deucalion and Poseidon and the biblical account of Noah, describers of some vast flood in which a small group of humans and numerous animal species are kept alive, see among them as common elements the divine initiative of preservation and some kind of sacred pact with nature. In both eras, the prehistoric, when humans might even have received animals in a large barge, and contemporary, when several individual actions and organizational “green” policies unfold worldwide, the preservation

¹ Mauro Luiz Ferreira Silva. Bacharel em Ciências Contábeis (FTESM/RJ). Mestrando em Teologia pela Faculdades EST (São Leopoldo/RS). Bolsista da CAPES. Aquidauana, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: mauroposest@yahoo.com.br.

attitudes seem to reveal the vivacity of minds capable of fascination before the mystery and sacredness of life, and a consequent self-accountability for the continuation of this. Under this bias, life as a sacrament, full religiosity emerges. Based on literature, this communication therefore aims to contribute to the debate about holistic spirituality, one that, faced with the creation, is fascinated and takes responsibility.

Keywords

Nature. Flood. Preservation. Sacrament. Holistic Religiosity.

Considerações Iniciais

Ano 87 d.C., nalguma estrada seca e poeirenta da Ásia Menor, o mestre cristão e seu discípulo compartilham velha história:

- Já sabes dos dias antigos? Ouviste do som da furiosa tormenta e da transbordante profusão das águas? De que “o mundo... pereceu, submergido pela água”²?

- E... Houve quem escapasse?! Alguma alma justa da qual a Providência tivera compaixão, e à qual em meio à tenebrosa noite se dignara iluminar?

- O primeiro em quem talvez uma pomba pôde repousar, e cujo nome lembra “manoaah”³: Noah, filho de Lemerr.

- E somente Noah, e somente a pomba, foram mantidos vivos?

- Não. Muitos outros: dos animais da terra, ao menos um casal por espécie; dos humanos, somente a família de Noah, poupados pelo solene aviso do Divino Interventor.

- Estás seguro? Esses mesmos, os fatos?

- Sim! “(Noah) entrou na arca, e não perceberam nada até que veio o dilúvio e os levou a todos”⁴. Quem o disse, sempre verdade falou. E tu sabes quem, sábio aprendiz!

- Ah! Somente o Mestre dos Mestres, o Cristo!

- Sim, o Cristo.

O diálogo acima, acerca de uma narrativa presente na tradição judaica e na de muitos outros povos da antiguidade, nada mais é que um texto ficcional. Ficcional, mas possivelmente não irreal! A totalidade do trecho, bem como as passagens bíblicas nele referenciadas, exemplifica a perpetuação de uma crença: o relato primevo e pluricultural da ocorrência de uma grande e devastadora inundação. Como veremos a seguir, a partir

² 2ª São Pedro 3:6. (As citações bíblicas foram extraídas da tradução da Bíblia de Jerusalém. A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1995).

³ Segundo MOL, André de. (*Interlinear Scripture Analyzer 2*. Katwijk: Scripture 4 all Foundation, 2011), em Gênesis 8:9-11 há um jogo de palavras no hebraico, ao qual o mestre cristão agora se refere. Enquanto as águas cobriam a terra, a pomba só encontrou “manoaah” (“descanso” ou “repouso”) em “Noah”.

⁴ SÃO MATEUS 24:38 e 39.

de três desses relatos diluvianos, há uma percepção da vida que implica num retorno para nós hoje a antigos valores. E é somente a partir desse retorno que poderemos ir adiante.

Relatos Diluvianos

Na obra *A Universidade da Palavra*, o autor Dick Eastman afirma que, segundo a etnologia, descrita por ele como “a ciência das características raciais”⁵, nos escritos milenares

[...] das trinta e três raças de povos das quais temos registros [...] todas elas, mesmo as mais isoladas e separadas, mencionam claramente um tipo de dilúvio, total ou parcial, que aconteceu aproximadamente à época do dilúvio bíblico. Assim, cem por cento têm um relato do dilúvio em seus arquivos. Isso não pode ser coincidência.⁶

Teria o dilúvio universal realmente ocorrido? Independente de qual resposta se adote para esta pergunta, dever-se-á levar em conta a constatação etnológica. Sem se considerar a geologia, a paleontologia, e ciências afins, mesmo à luz somente da etnologia, pensamos não ser possível se descartar, de todo, a evidência literária mundial quanto a ter havido alguma grande inundação, ao menos local, à época do dilúvio bíblico.

Citamos, a seguir, duas narrativas diluvianas extra-bíblicas:

No poético relato babilônico com excertos do século XX a.C., uma das mais antigas obras literárias conhecidas, cuja compilação, crê-se, data do século VII a.C.⁷, a Epopeia de Gilgamesh, conta-se: quando o deus Enlil decidiu destruir a raça humana, devido ao ruído perturbador do sono dos deuses que dela se elevava, lançou mão de uma enchente universal.

Ao primeiro brilho da alvorada chegou ao horizonte uma nuvem negra, que era conduzida por Adad, o senhor da tempestade [...] Surgiram então os deuses do abismo; Nergal destruiu as barragens que represavam as águas do inferno; Ninurta pôs abaixo os diques [...] o temporal grassou devastadoramente, acumulando fúria à medida que avançava e desabando torrencialmente sobre as pessoas como os fluxos e refluxos de uma batalha; um homem não conseguia ver seu irmão, nem podiam os povos serem vistos do céu. [...] a destruição dos povos [...] Por seis dias e seis noites os ventos sopraram; enxurradas, inundações e torrentes assolaram o mundo. [...] Eu olhei a face do mundo e o silêncio imperava; toda a humanidade havia virado argila.⁸

⁵ EASTMAN, Dick. *A Universidade da Palavra*. São Paulo: Vida, 1995. p. 24.

⁶ EASTMAN, 1995, p. 25.

⁷ WIKIPÉDIA: A enciclopédia livre. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Epopeia_de_Gilgamesh>. Acesso em 10 out. 2012.

⁸ A EPOPEIA de Gilgamesh. São Paulo: Martins Fontes, 2011.p. 102-103.

Além de Gilgamesh, outro notável exemplo de narrativa do dilúvio feita por civilizações antigas: o mito greco-romano de Deucalião e Poseidon (relativo do deus romano Netuno). Zeus (relativo de Júpiter), enfurecido com os humanos por suas disputas, crimes, cobiça, por aniquilarem a paz na Terra, decidiu exterminá-los.

Enfurecido, chamou um dia à corte o seu irmão Netuno.

– Meu irmão, creio que é chegada a hora de castigarmos estes mortais insanos, que

transformaram o paraíso terrestre num horrível lugar de dor.

– Estou de acordo, meu poderoso irmão – respondeu Netuno. – O que você sugere?

Júpiter ordenou ao irmão que fendesse a terra com um golpe de seu poderoso tridente. Dali se abririam as comportas das águas dos mares, que, uma vez liberadas, inundariam o mundo todo.⁹

Na obra já citada, Eastman afirma que, segundo a etnologia, é muito provável que tenha havido, de fato, um dilúvio devastador, de proporção universal. Mas, comprovar ou não essa possibilidade não é, aqui, nosso principal interesse. Haver a mera possibilidade já nos basta.

Preservação e Sacralidade da Vida

Ao se falar em dilúvio, emerge na consciência algo mais que uma enchente colossal: dilúvio lembra extinção, eliminação da vida humana, da de animais alados e terrestres. A submersão de imensas áreas habitadas, ou de todo o globo terrestre por muitos dias, inviabilizaria grande parte da vida animal, tida por sagrada ao menos por aqueles que relataram, em diversas culturas, sua quase extinção. Dito de outra forma: sob a ótica dos relatos diluvianos, se não fora algum tipo de intervenção divina, extinguir-se-iam completamente do planeta toda a vida humana e milhares de espécies animais. A preservação, em especial a da humanidade, é singularmente operada pelo divino. E, sendo alvo do cuidado da divindade, essa existência é percebida como sagrada!

Nas três narrativas em foco, o plano de algum deus, ou deuses, de preservar a vida terrestre, é revelado a um patriarca cuja vida, e família, devem ser poupadas. Em dois dos relatos, esse homem é responsabilizado, a seu tempo, por acolher, em seu barco, as espécies que não sobreviveriam à grande enchente.

No relato bíblico, Deus dá aviso, missão e promete fazer aliança com Noé:

Deus disse a Noé: “[...] a terra está cheia de violência [...]. Faze uma arca de madeira resinosa; [...] vou enviar o dilúvio, as águas, sobre a terra [...]: tudo o que há na terra deve perecer. Mas estabelecerei minha aliança contigo e entrarás na arca, tu e teus filhos, tua mulher e as mulheres de teus filhos contigo. [...] De cada

⁹ FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, Carmen. *As 100 melhores histórias da mitologia: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana*. Porto Alegre: L&PM, 2007. p. 61.

espécie de aves, de cada espécie de animais, de cada espécie de todos os répteis do solo, virá contigo um casal, para os conservares em vida [...]”.¹⁰

Na epopeia babilônica, o deus Ea conta a Utnapishtim, “filho de Ubara-Tutu”, o que Enlil e os demais deuses fariam, e também lhe concede missão: preservar toda criatura.

[...] mas Ea [...] me avisou num sonho. Ele denunciou a intenção dos deuses sussurrando para minha casa de colmo: 'Casa de colmo, casa de colmo! Parede, oh, parede da casa de colmo, escuta e reflete. Oh, homem de Shurrukak, filho de Ubara-Tutu, põe abaixo tua casa e constrói um barco. Abandona tuas posses e busca tua vida preservar; despreza os bens materiais e busca tua alma salvar. Põe abaixo tua casa, eu te digo, e constrói um barco. Eis as medidas da embarcação [...]; leva então para o barco a semente de todas as criaturas vivas. ' [...] Eu carreguei o interior da nave com tudo o que eu tinha de ouro e de coisas vivas: minha família, meus parentes, os animais do campo – os domesticados e os selvagens [...].¹¹

Finalmente, no mito grego, os nobres reis Deucalião e Pirra são avisados do dilúvio por Zeus (Júpiter). Diferentemente dos dois relatos anteriores, nada é dito sobre a preservação dos animais.

Júpiter subiu novamente para o Olimpo profundamente irritado da malícia e da corrupção dos homens. Convocou imediatamente o conselho dos deuses; assentado no seu trono, [...] conta as suas viagens sobre a terra, [...] e declara ter resolvido fazer perecer esta raça num dilúvio universal, exceptuando Deucalião, príncipe piedoso e Pirra sua mulher, que reinavam na Tessália. [...] o sol oculta os seus raios, a natureza inteira fica mergulhada numa profunda escuridão, abrem-se as nuvens, torrentes de água inundam a terra; Neptuno o deus dos mares fende as costas, abre os diques, desfaz os rochedos que costeam o Oceano, levanta as águas dos rios até trasbordarem; as águas então cobrem toda a terra; as searas, as árvores, os rebanhos, os templos, as casas, tudo é arrebatado, os homens morrem afogados, [...] por todo este mar imenso apenas se enxerga vogando a barca que transporta Deucalião e sua esposa.¹²

Embora neste último trecho nada se diga a respeito da preservação de outras espécies além da humana, resta claro que: no viés primitivo, desde o início do mundo como o conhecemos (em nossa análise, diríamos, do mundo reconfigurado pelo dilúvio), aquilo que hoje vive, vive por vontade divina! É também ponto comum dos três relatos diluvianos citados que, finda a grande inundação, a divindade estabelece algum tipo de aliança com, ou concede alguma bênção especial aos humanos poupados. Com Noé e sua casa Deus faz um pacto, e dá-lhes a bênção da fecundidade, dizendo:

¹⁰ GÊNESIS 6:13, 14, 17, 18, 20.

¹¹ A EPOPEIA de Gilgamesh, 2011, p. 100-102.

¹² MAGNO, Albino Pereira. *Mitologia*. Lisboa: Editores J. Rodrigues e C.^a, [19-?].p. 38-39. [sic].

Quanto a vós, sede fecundos, multiplicai-vos, povoai a terra e dominai-a. [...] Eis que estabeleço minha aliança convosco e com os vossos descendentes depois de vós, e com todos os seres animados que estão convosco [...]: tudo o que existe não será mais destruído pelas águas do dilúvio; [...]¹³.

Na epopeia de Gilgamesh, Utnapishtim conta que, após descer do barco e oferecer um sacrifício aos deuses, o deus Enlil “[...] subiu no barco, pegou a mim e a minha mulher pela mão e nos fez entrar no barco e ajoelhar, um de cada lado, com ele no meio. E tocou nossas testas para abençoar-nos [...]”¹⁴. Finalmente, aos idosos e desolados Deucalião e Pirra a deusa Têmis abençoa, passada a inundação, com o poder sobrenatural de repovoarem o mundo pós-diluviano. Ela lhes diz:

– Meus amados, se quiserem ver de novo a terra povoada, façam exatamente como vou lhes dizer. Após cumprirem meus ritos, quero que saiam do templo – disse a deusa. – Depois, cubram seus rostos, alarguem seus cintos e atirem para trás de si os ossos de sua avó! – completou, de modo enigmático.¹⁵

Deucalião e sua mulher decifram o enigma: a avó seria a terra, cujos ossos seriam as pedras. Então,

Eufóricos, os dois velaram os rostos e saíram do templo. Juntaram todas as pedras que puderam encontrar, e Deucalião lançou atrás de si a primeira. Tão logo ela caiu, eles escutaram o ruído da pedra se esfarelando e algo surgindo às suas costas.

Era um homem! [...]

Pirra, extasiada, velou também o rosto e lançou para trás uma pedra, e surgiu dali uma linda mulher. E assim foram ambos jogando pedras para trás. daquelas lançadas por Deucalião surgiam homens, e das que Pirra lançava surgiam mulheres, os novos habitantes da Terra.¹⁶

Ficcionais, ou reais, míticos ou históricos, os relatos diluvianos não seriam uma forma primitiva de se assinalar a sacralidade da vida? Atribuindo ao divino a preservação das espécies, e também a ele a bênção e a fertilidade dos humanos sobreviventes, os povos primitivos indicavam sua percepção do mistério da existência do e no mundo, e que, por ser valioso, indescritível, sagrado, reputar-se-ia inviolável.

Essa compreensão, a que originalmente classificariamos religiosa, não se restringe à religião. Pode ser definida como conexão com o que se tem por sagrado: aquilo que nos é sobremodo valioso, porém inestimável, sem preço; que instiga nosso impulso por

¹³ GÊNESIS 9:7-11.

¹⁴ A EPOPEIA de Gilgamesh, 2011, p. 105.

¹⁵ FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, Carmen, 2007, p. 63.

¹⁶ FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, Carmen, 2007, p. 63.

conhecer, mas se mantém envolto em mistério. Nas palavras do Dr. Ganzevoort, "... a noção do sagrado [...] implica [...] uma presença que evoca reverência e paixão"¹⁷.

A percepção da sacralidade no e do mundo é antecedida por sensibilidade e sucedida por deslumbramento. Quanto à sensibilidade, podemos afirmar que só se percebe quando se está apto a perceber; só se sente quando há sensibilidade. O mistério está em toda parte, mas nem todos têm a sensibilidade adequadamente aguçada para o perceberem.

No campo da ciência, admite-se que o saber científico ainda não conseguiu desvendar o mistério da vida; e mesmo se nalgum dia o fizer, fá-lo-á tendo investido grandes recursos nesse desvendamento, o que certamente não enfraquecerá a maravilha do mistério; antes o reforçará! De fato, "'A mais complicada máquina inventada pelo homem não passa de brinquedo diante do mais simples organismo', escreveu o biólogo americano e prêmio Nobel de medicina George Wald"¹⁸. A sensibilidade que percebe a complexidade da natureza tem sido, desde os primórdios da humanidade, combustível da valorização da vida e do culto à natureza; desde os tempos modernos, da pesquisa científica e do movimento ecologista.

Talvez, uma das diferenças essenciais entre as perspectivas indígena e ecologista seja a personificação indígena da natureza, tornando-a ente do qual seríamos filhos. Diviniza-se a sacralidade do e no mundo. Em entrevista ao *Jornal do Brasil*, Leonardo Boff afirmou que

[...] a humanidade perdeu o sentido de totalidade, o sentimento de que nós seres humanos pertencemos a um todo maior, primeiro à natureza depois à Terra, por fim ao cosmos. Esta era a visão dominante na história da humanidade e ainda presente nos povos originários, como os indígenas. Estes se sentem **filhos e filhas do sol e da lua**, parte da natureza, em profunda comunhão com as energias das águas, das montanhas, do fogo e de outros elementos naturais.¹⁹

Ainda que a visão holística, a qual faz o homem entender-se parte de um todo inviolável, tenha sido, nas palavras de Boff, geradora da personificação da natureza, até agora presente entre os índios, pergunta-se: deverá o holismo derivar para tal personificação, ou desta prescindem o deslumbramento e a preservação? Ao que parece, tanto os relatos diluvianos envolvendo Utnapishtim, Noé e Deucalião, quanto a atual

¹⁷ GANZEVOORT, R. Ruard. Encruzilhadas do caminho no rastro do sagrado: a teologia prática como hermenêutica da religião vivenciada. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 49, n. 2. p. 322.

¹⁸ MORAIS, Jomar. O mistério da vida. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/misterio-vida-443767.shtml>>. Acesso em: 11 out. 2012.

¹⁹ BOFF, Leonardo. Nascendo de novo numa era mortal. Disponível em: <<http://www.leonardoboff.com/site/70anos/artigos/05-nascendo.htm>>. Acesso em: 11 out. 2012. [grifo nosso].

consciência ecológica, comprovam ser possível, ao contrário, sensibilizar-se, deslumbrar-se e preservar, ante a percepção do sagrado, sem se personificar ou cultuar a natureza.

Essa crença na inviolabilidade da vida, em especial a humana, pela simples constatação do mistério que ela contém, parece embasar a escrita de conhecidas normas internacionais. No preâmbulo da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão encontramos uma referência direta à sacralidade:

Os representantes do povo francês, [...], resolveram declarar solenemente os direitos naturais, inalienáveis e **sagrados** do homem, a fim de que esta declaração, sempre presente em todos os membros do corpo social, lhes lembre permanentemente seus direitos e seus deveres; [...]:

Art.1º. Os homens nascem e são livres e iguais em direitos [...]²⁰

Também na Declaração Universal dos Direitos Humanos, lê-se sobre uma dignidade implícita, inerente à espécie humana, a qual fundamenta, inclusive, o próprio direito à vida:

Considerando que o reconhecimento da **dignidade inerente** a todos os membros da família humana e dos seus direitos iguais e inalienáveis constitui o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo; [...]

A Assembléia Geral proclama a presente Declaração Universal dos Direitos Humanos [...]²¹

O deslumbramento ante o mistério da vida, ainda que não exija culto à natureza, requer atitude de preservação. E se essa atitude é fruto de alguma experiência do sagrado na natureza, então a verdadeira religiosidade deverá considerar a preservação como parte de seus sacramentos.

Preservação e Sacramento

Sacramento é o “Conjunto de cerimônias e ritos que [...] confere as graças divinas”²², todos ligados à vida humana. Os sacramentos necessitam apoiar-se no mistério sagrado da vida, para então se estabelecer a conexão com o divino. Se a vida é o elemento-base de tudo o que se tem por sacramento, então ela mesma é, de fato, sagrada. Dir-se-ia: a vida é o primeiro sacramento!

²⁰ DECLARAÇÃO de direitos do homem e do cidadão. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-à-criação-da-Sociedade-das-Nações-até-1919/declaracao-de-direitos-do-homem-e-do-cidadao-1789.html>>. Acesso em 11 out. 2012. [grifo nosso].

²¹ DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: <<http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>>. Acesso em: 13 out. 2012. [grifo nosso].

²² ANDRADE, Claudionor C. de. Dicionário Teológico. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.p. 222.

Porém, “Os céus contam a glória de Deus, e o firmamento proclama a obra de suas mãos”²³, diz o salmista. Toda a natureza revela o brilho do divino; não somente a vida humana. Cada elemento de cada substância, de cada ser de cada comunidade, todos revelam o mistério do ser no mundo, todos são motivo de deslumbramento, e têm seu lugar no cosmos. Assim sendo, é sagrado o existir, e sagrado o permanecer existindo. A preservação de toda a natureza, essencial à vida, é também ato sacramental, na medida em que é por meio do que nos cerca que o divino se revela. É na existência que nos encontramos com o sagrado.

A re-ligação que se busca na religião, quer dos homens entre si, quer destes com o divino, sensibilizar-se-á ante o mistério no e do mundo, e preservá-lo-á. Se, como pensavam os povos antigos, a vida e sua preservação resultam da ação direta da divindade, ou se, como pensa o moderno evolucionismo, tudo o que vemos deriva de transformações espontâneas, ainda assim abundam perguntas e rareiam respostas. A existência é mistério, requer sensibilidade, deslumbramento, preservação.

Considerações Finais

Ano 2050 d.C., nalguma praia da Região dos Lagos, no Rio de Janeiro, o pai surfista, de aproximados trinta e cinco anos de idade, e seu filho de seis, passeiam à beira mar, aproveitando a liberdade e o calor das férias de verão.

- Filho, olha lá no céu!

- Passarinho!, grita o guri, correndo na direção do bando de pequenas aves, como se pudesse capturar ao menos uma com suas pequeninas mãos.

No cenário deslumbrante, misturando o branco da areia, o azul e o rosa do céu, o pai sorri. Vê o bando de formigueiros-do-litoral levantar vôo rapidamente, suas plumas colorindo o entardecer de negro e de tons pastéis variando do amarelo ao castanho. O jovem pai corre um pouco e alcança o filho, senta-se deixando as pernas alcançarem a parte molhada e fria da areia, e faz o pequeno se sentar ao seu lado.

Enquanto as ondas continuam a quebrar e molhar as pernas do pai e só os pés do pequenino, a beleza é absorvida por todo o corpo de ambos. Eles e tudo à volta compõem um cenário perfeito, irretocável.

Mesmo no abraço lateral do pai, o filho sente a brisa e abre os braços; seus olhos se cerram naturalmente. O pai o contempla e imita, e ao fechar os olhos faz uma prece: “Obrigado por meu filho, e por toda esta maravilha! Muito obrigado!”.

²³ SALMO 19(18): 2.

- *Você sabia que aqueles passarinhos quase acabaram²⁴? O nome deles é "formigueiro-do-litoral".*

- *É, pai? Por que eles quase acabaram? E o nome deles é bem engraçado! (risos)*

- *É... Há muito tempo atrás, muitas pessoas não estavam cuidando bem dos animais e do nosso planeta, mas elas mudaram. Esse passarinho, por exemplo, estava morrendo porque não tinha mais quase onde morar...*

Referindo-se a diferentes espécies e locais da terra, nossa esperança é que muitas histórias de preservação como esta se façam reais no futuro. Que a sensibilidade e o deslumbramento sejam retomados como essenciais à vida. Que a humanidade e toda a natureza sejam de fato entendidos como sagrados. Que toda religião se sinta em débito para com o grande mistério, a existência, e o reverencie.

[Recebido em: outubro de 2013;

Aceito em: novembro de 2013]

²⁴ Segundo o Estado do Rio de Janeiro, a Região dos Lagos é hoje *habitat* de uma espécie ameaçada de extinção, o *formigueiro-do-litoral*. (HOFFMANN, Sandra. Secretaria do Ambiente derruba 20 casas em construção em praia no parque da Costa do Sol. Disponível em: <http://www.rj.gov.br/web/sea/exibeconteudo?article-id=1268167>. Acesso em: 13 out. 2012.).